

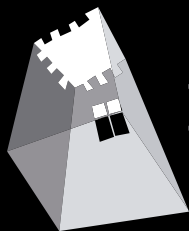
Requalificação Urbana do Centro Histórico de Palmela

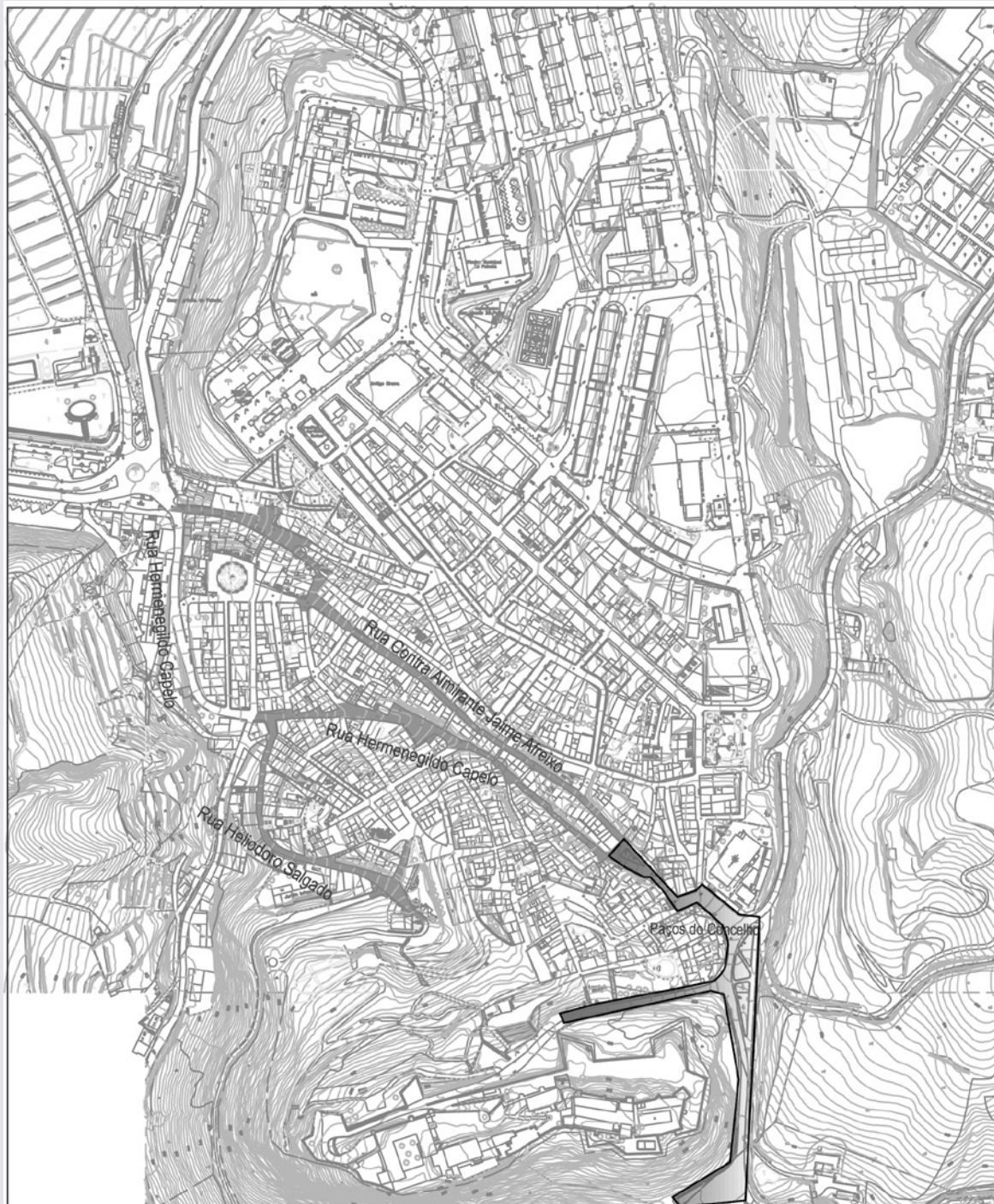
Entre os meses de Junho e Dezembro de 2012, o Centro Histórico de Palmela sofreu obras de requalificação que abrangeram a renovação de infra-estruturas de água e saneamento, a repavimentação de algumas das principais artérias da vila e arranjo dos principais largos da parte alta.

Actualmente, o Centro Histórico de Palmela está abrangido pela *Zona Especial de Protecção* conjunta do Castelo, Igreja de Santiago e Pelourinho, classificados como Monumentos Nacionais, conforme Portaria n.º 62/2010, publicada em DR, 2ª Série, n.º12 de 19 de Janeiro. Para além do mais, a Carta de Sensibilidade do Centro Histórico e a Carta Arqueológica do Concelho, que sistematizam a informação proveniente das fontes históricas e documentais com os dados das intervenções arqueológicas anteriormente realizadas, classificam os arruamentos abrangidos pelo projecto como áreas de elevado potencial arqueológico. Neste âmbito, o acompanhamento arqueológico das obras tornou-se imperativo.

A intervenção arqueológica desenvolveu-se em dois projectos paralelos, correspondentes a diferentes empreitadas de obra e esteve a cargo da empresa *Palimpsesto, Lda.* decorrendo durante todo o período de execução da obra.

Apesar dos trabalhos de campo já terem terminado, deve referir-se que a fase de relatório, na qual se inventariam e estudam os materiais e os contextos arqueológicos, está ainda em execução, pelo que algumas das conclusões apresentadas deverão ser encaradas com a reserva típica das observações preliminares.





Localização das áreas abrangidas pelo projecto de obra sobre o levantamento topográfico do Centro Histórico de Palmela (P1 e P5/P6).

Assim, no âmbito da «**Acção P1 – Repavimentação, Renovação das Infra-estruturas de Abastecimento de Água e Drenagens Pluviais**» foram intervencionadas algumas das principais vias de acesso à parte alta da vila e ao castelo, procedendo-se ao acompanhamento de todos os trabalhos de obra que envolveram movimentação de terras. Na empreitada em questão, a Rua Hermenegildo Capelo era a que apresentava, à partida, maior grau de sensibilidade patrimonial tendo em conta os resultados das intervenções arqueológicas que desde os anos 90 do século passado têm vindo a ser realizadas na vila de Palmela.

Esta rua desenvolve-se desde o chafariz D. Maria I e acompanha a subida do cerro até à Praça Duque de Palmela (Largo do Pelourinho), constituindo uma das principais vias de acesso ao topo da vila e ao seu centro histórico. O troço alvo de intervenção está compreendido entre o Largo do Pelourinho e a Rua Joaquim Brandão, correspondendo à área de maior sensibilidade patrimonial.

A ocupação urbanística extramuros da vila teve a sua maior expansão em época baixo-medieval/moderna e com ela ter-se-á desenhado o traçado original desta artéria, que se terá mantido praticamente inalterado até à actualidade. Esta situação conferia à área características particulares relacionadas com o tipo de contextos expectáveis de identificar durante o processo de acompanhamento de obra. Tínhamos conhecimento, desde o início da intervenção, da existência de uma caleira escavada no substrato rochoso de calco-arenito e coberta com lajes da mesma pedra, que acompanharia o traçado da rua. Esta terá funcionado durante a época moderna/ contemporânea e estaria já muito afectada pelas diversas obras de infra-estruturas realizadas no século XX. Conhecíamos igualmente os trabalhos de arqueologia desenvolvidos no largo do mercado municipal, respectivamente relacionados com as obras no interior do mercado e com a remodelação de um edifício contíguo onde se projecta que venha a existir um pólo de apoio à comunidade («Espaço Cidadão*»). Em ambos os casos, foram postos a descoberto contextos e estruturas cujos limites extravasam o espaço dos edifícios intervencionados e que se prolongam no sentido da rua. A conjugação de todos estes factores confere à Rua Hermenegildo Capelo um elevado grau de sensibilidade patrimonial, pelo que a interpretação dos contextos identificados durante o acompanhamento arqueológico foi essencial, quer para o conhecimento da evolução urbanística da vila, quer para a devida documentação na elaboração de futuros projectos de obra públicos ou privados.

Nesta rua são de destacar duas importantes áreas. A primeira localiza-se no entroncamento com a Rua Mouzinho d'Albuquerque, particularmente defronte dos n.ºs 80 e 82. Esta zona coincide com as traseiras do mercado municipal pelo que os sedimentos registados podem relacionar-se com as realidades documentadas durante a intervenção arqueológica aí realizada, designadamente com a lixeira tardo-medieval registada na zona de confluência da Rua Mouzinho d'Albuquerque com a Rua Hermenegildo Capelo (Carvalho, 2005:4).

A outra área que merece destaque localiza-se defronte ao n.º 28, junto ao entroncamento com a Rua Heliodoro Salgado. Neste espaço, registou-se abundante espólio arqueológico, maioritariamente enquadrado entre os séculos XVI e XVII.

Foi igualmente nesta rua que se registaram duas ocorrências de carácter estrutural. A primeira foi identificada logo abaixo da calçada defronte à porta do Mercado Municipal. Trata-se de um antigo poço (séculos XIX/XX) que se encontrava já selado. Segundo diversos registos orais de munícipes que se recordam da existência de um poço naquele local, o mesmo terá sido desactivado aquando da construção do primeiro mercado aí existente, em meados do século XX (1950-52). Após o seu registo, foi coberto com manta geotêxtil e pó de pedra e a calçada foi construída por cima. A segunda relaciona-se com a conduta de esgoto de época moderna, que ao longo da rua foi sendo identificada em pequenos troços já muito destruídos. Defronte à fachada NE do edifício «Espaço Cidadão» (n.º 62 da Rua Hermenegildo Capelo), esta estrutura foi identificada a cerca de 40 cm de profundidade. A sua identificação deveu-se à abertura de uma vala para a água ao longo da lateral NE do edifício. Após o registo gráfico, fotográfico e respectiva descrição, procedeu-se ao desmonte da estrutura na área a ser afectada pela obra.



Trabalhos de registo da estrutura de época moderna.

*O Espaço Cidadão foi inaugurado no dia 8 de Dezembro de 2015.

Com o seu início entre os n.ºs 28 e 30 da Rua Hermenegildo Capelo, a Rua Heliodoro Salgado desenvolve-se perpendicularmente àquela contornando o cerro por ocidente em direcção ao castelo. O seu actual traçado será posterior aos inícios do século XIX, tendo em conta a planta da vila efectuada por Maximiano Jozé da Serra, em 1820, onde se observa uma fraca definição desta artéria e onde são escassas as áreas edificadas.

Nesta rua há a destacar, particularmente, a zona alta mais próxima à antiga área de arrabalde do castelo. Com efeito, defronte ao n.º 45 identificou-se na parede Sul da vala de obra a existência de uma pequena fossa afectada pela antiga vala da conduta de água. O aparecimento desta evidência conduziu à realização de uma sondagem de caracterização arqueológica que resultou num conjunto diversificado de espólio arqueológico enquadrado entre os séculos XV/XVI e XVII.



Escavação da sondagem 3: definição do depósito argiloso que constitui o substrato geológico nesta área.

Paralela à Rua Hermenegildo Capelo, para Norte, desenvolve-se a Rua Contra-Almirante Jaime Afreixo que, tal como a primeira, termina na Praça Duque de Palmela iniciando-se perpendicularmente à Rua 31 de Janeiro.

A escavação para fundo de caixa do novo pavimento permitiu observar que o substrato rochoso se encontra logo abaixo da preparação da antiga calçada, em quase toda a extensão da rua. O espólio arqueológico documentado é escasso e disperso compreendendo, essencialmente, cerâmicas enquadráveis nos séculos XVI/XVII/XVIII e outras claramente mais recentes e que podem enquadrar-se nos finais do século XIX/ inícios do século XX. Tal como as ruas já descritas, esta também se encontra muito afectada por infra-estruturas recentes.



Aspecto geral dos trabalhos de obra na Rua Contra-Almirante Jaime Afreixo.

À semelhança da Rua Hermenegildo Capelo, a intervenção na Rua Augusto Cardoso criou alguma expectativa, dado o conhecimento que tínhamos da existência, nesta área, de vestígios relacionados com uma eventual ocupação de período medieval/moderno.

Assente na área central de um pequeno vale, a rua desenvolve-se entre o chafariz de D. Maria I, onde conflui com o início da Rua Hermenegildo Capelo e a parte alta da vila.

Em 1990, «na sequência de obras de manutenção do sistema de instalação telefónica de Palmela» (FERNANDES; CARVALHO, 1997b: 223-224) foram recolhidas cerâmicas cronologicamente enquadráveis entre o século XV e os inícios de seiscentos.

O troço agora alvo de intervenção situa-se entre o início da rua e a confluência com a Rua Serpa Pinto. Com efeito, foi nessa área que se registou maior afluência de elementos cerâmicos enquadráveis entre os séculos XV e XVIII. Com excepção dessa concentração de materiais entre os n.ºs de polícia 23 e 35, a restante área apresentava baixa potência estratigráfica e fraca presença de espólio arqueológico. Pelo que se pode observar nos perfis das valas da conduta principal da água e da travessia entre o n.º 23 e o n.º 40, o topo do substrato geológico parece ser irregular e estar já muito afectado por diversas infra-estruturas recentes.

No âmbito da «Acção P5+P6 – Requalificação da Praça Duque de Palmela, Largo do Município e Zonas Adjacentes», foi necessário intervir no subsolo de várias ruas e praças na parte alta da vila, e vias de acesso ao castelo. A realização do acompanhamento arqueológico foi imprescindível de forma a identificar atempadamente a existência de eventuais vestígios arqueológicos existentes nas áreas de intervenção. Em dois casos, a importância de alguns dos vestígios identificados originou mesmo a realização de escavações arqueológicas para se proceder à sua documentação e registo científico.

A intervenção iniciou-se no Largo do Pelourinho/ Praça Duque de Palmela, passando posteriormente para o Largo do Município e para a Rua do Castelo. Os trabalhos arqueológicos aqui realizados identificaram duas situações distintas, das quais, a primeira corresponde à zona envolvente do pelourinho e da Igreja da Misericórdia, e a segunda à zona de transição do Largo do Pelourinho para o do Município.

A primeira área revelou estratigrafias melhor preservadas, embora parcialmente afectadas pela construção de várias infra-estruturas de saneamento, algumas das quais deverão remontar à década de 50 do século passado. Esta situação encontra correspondência nas seis ocorrências arqueológicas identificadas, das quais quatro correspondem a

antigas condutas de saneamento constituídas por dois muretes interligados por um piso de tijoleira. A cobertura seria realizada com a colocação de blocos pétreos argamassados. Outras duas ocorrências, um troço de muro e um depósito de aterro, forneceram materiais cerâmicos integráveis na Época Moderna.

Identificou-se ainda, junto ao edifício com a porta n.º 10, o bocal de um antigo poço, já entulhado, mas do qual subsistiam ainda vívidas recordações em alguns habitantes.

Na zona de transição do Largo Duque de Palmela para o do Município, a rocha base surge imediatamente por debaixo da calçada. Esta situação altera-se apenas junto ao edifício dos Paços do Concelho e no troço inicial da Rua do Castelo. Entre as ocorrências arqueológicas detectadas nesta zona deve destacar-se um troço de muro com cerca de 60 cm de largura, construído com blocos de pedra ligados com argamassa de cal. Foi também identificado um piso em argamassa que encostava directamente ao muro. Estas estruturas poderão, dada a proximidade com o edifício, fazer parte de uma antiga configuração do imóvel, onde actualmente se localiza a Câmara Municipal.



Estruturas identificadas sob o edifício dos Paços do Concelho.

A área do jardim da Alameda Nuno Álvares Pereira foi a zona da empreitada com o maior volume de solo movimentado, em resultado das alterações projectadas para este espaço, nomeadamente para a criação da plataforma destinada à implantação dos bancos, da escada e do elemento de água. No geral, o subsolo do jardim apresenta duas realidades estratigráficas bem diferenciadas. A zona localizada a Sul, de cotas mais elevadas, é composta por espessas camadas de aterro, e onde a presença do material arqueológico é puramente vestigial. Cobrindo estas camadas de aterro e em alguns pontos sobrepondo-se directamente ao afloramento rochoso, encontra-se um sedimento arenoso de coloração castanha escura que corresponde à terra depositada aquando da anterior requalificação deste espaço como jardim.

A partir do ponto em que a Avenida dos Cavaleiros da Ordem de Santiago entronca na Alameda Nuno Álvares Pereira, e consoante vamos caminhando para norte, o valor das cotas altimétricas vai baixando e a situação estratigráfica altera-se: os níveis de aterro são agora constituídos por sedimentos arenosos de coloração castanha escura, com pouca pedra, mas muito perturbados em profundidade pela acção das raízes das árvores.

Os vestígios arqueológicos identificados nesta área correspondem essencialmente a vários troços de muros, perfazendo um total de 7, que poderão interpretar-se, nuns casos, como muros de sustentação de terra e noutros, como estruturas de delimitação do antigo cemitério. Será também de considerar uma outra hipótese: relacionar estas estruturas com uns edifícios de planta rectangular representados, mas infelizmente não legendados, na *Planta da Villa de Palmela* de Maximiano Jozé da Serra de 1806 (Fernandes, 2004: 322).



Troço de muro identificado no jardim da Alameda Nuno Álvares Pereira.

Para além dos vários troços de muros já referidos, foi também identificada uma estrutura de tipo «fossa» cujo solo de enchimento era extremamente semelhante ao sedimento no qual foi escavada. Esta situação poderá indiciar que o processo de abertura e clausura terá sido pautado por uma certa celeridade, dado não se terem identificado alterações associáveis à acção dos agentes atmosféricos. A presença de restos osteológicos humanos desarticulados no enchimento, aponta para que o objectivo principal da fossa se relacione com a ocultação das ossadas. De facto, apesar da espessa camada de terra arenosa depositada aquando da requalificação deste espaço da vila, os trabalhos de jardinagem poderiam ocasionalmente atingir profundidade suficiente para trazer à superfície alguns vestígios do antigo cemitério.

O espólio arqueológico recolhido no jardim da Alameda Nuno Álvares Pereira reflecte a sua anterior utilização como área sepulcral, dada a abundância dos elementos metálicos de caixões e os restos osteológicos humanos. Estes últimos encontravam-se sempre desarticulados e em contextos claramente secundários. A presença esporádica de ossos longos e do crânio, em contraste com a maior frequência de peças ósseas de menores dimensões, poderá indiciar a prática de exumações, pois estas caracterizam-se sempre pela selecção da componente osteológica mais representativa do esqueleto humano. Parece assim poder concluir-se que o encerramento deste cemitério parece ter sido acompanhado de um processo de trasladação dos restos mortais.

Relativamente à Alameda Nuno Álvares Pereira, o acompanhamento arqueológico verificou a existência de grandes alterações no subsolo provocadas pela construção de várias infra-estruturas efectuadas ao longo do tempo. A instalação do saneamento público e do abastecimento de água implicaram a escavação de valas cujo traçado segue paralelamente ao da Alameda. Nas áreas menos perturbadas a estratigrafia é composta por níveis de aterro de sedimento areno-argiloso, que forneceram alguns fragmentos de cerâmica e de faiança da Época Moderna e Contemporânea.

A intervenção realizada na Avenida dos Cavaleiros da Ordem de Santiago consistiu basicamente na renovação da iluminação pública, para além do mais a localização destas infra-estruturas coincidiu com a de um cabo eléctrico de média tensão pré-existente. Assim, a escavação realizada correspondeu quase exactamente com o traçado da antiga vala (situação bem patente nas áreas rochosas localizadas nas proximidades do castelo). As únicas excepções a esta situação registaram-se junto à porta do Castelo e no troço inicial, junto à Alameda Nuno Álvares Pereira e Rua do Miradouro. No primeiro caso identificaram-se depósitos de aterro com entulhos provenientes de obras antigas, provavelmente intervenções da DGEMN na área amuralhada ou até na própria Igreja de Santiago, conforme o deixa antever a existência de alguns azulejos nestes níveis de entulho. Sabemos que a intervenção da DGEMN na Igreja de Santiago implicou, entre outras acções, a retirada dos azulejos do altar-mor (Fernandes, 2004: 351). Quanto à segunda situação, verificou-se que nesta área a estratigrafia é constituída por um sedimento argilo-arenoso que forneceu alguns fragmentos cerâmicos em contexto claramente secundário, ou seja, deslocados do que terá sido a sua posição original.

Pelo contrário, no que se refere à parte norte da Rua do Miradouro, a estratigrafia registada é muito semelhante à identificada nas áreas contíguas, ou seja, camadas de aterro constituídas maioritariamente por um sedimento arenoso de coloração amarelada que se apresenta pouco compacto.

Nas proximidades do que será um parque de estacionamento de autocarros, efectuou-se a demolição da parte terminal do muro de contenção do jardim da Alameda Nuno Álvares Pereira, assim como a escavação das fundações para um novo muro a construir no mesmo local. No decurso da demolição, recolheu-se um elemento arquitectónico reutilizado como elemento de construção, talhado em pedra proveniente da «brecha da Arrábida», que seria originalmente parte da ombreira de uma porta.

No Largo do Miradouro, a estratigrafia identificada corresponde a vários aterros argilosos que foram colocados neste local para criar a plataforma actualmente existente. A espessura destes níveis ronda os 30cm junto à Rua do Miradouro, aumentando consoante se avança para sul e sudoeste até atingir uma profundidade que não foi possível determinar no decurso destes trabalhos, mas que será sempre superior a 1m. Paralelamente, a deposição destes solos acabou por selar a antiga área cemiterial que aqui funcionou num período que, *grosso modo*, se situa entre um momento indeterminado posterior a 1875 e as primeiras décadas do século XX (Fernandes, 2004: 334).

O acompanhamento arqueológico dos trabalhos neste largo identificou um muro, construído com blocos de pedra irregular assentes com argamassa de cal e areia, cuja localização e orientação parecem corresponder à do muro de delimitação do cemitério (Fernandes, 2004: 345, Fig. 403). Registou-se ainda uma pequena concentração de ossos humanos associada a nódulos de cal, no entanto, este provável nível funerário ficou salvaguardado pois encontrava-se a uma profundidade superior à exigida para a implantação das infra-estruturas da empreitada.

Os trabalhos realizados junto à Igreja Matriz de Palmela, no tramo final da Rua de Nenhores, na Rua do Castelo e na Rua Luís de Camões, não resultaram na identificação de estruturas arqueológicas. Esta situação dever-se-á a uma conjugação de vários factores que determinaram uma afectação arqueológica extremamente reduzida, nomeadamente: o facto de as valas seguirem o traçado das infra-estruturas anteriores; a pouca profundidade atingida pelas infra-estruturas e, finalmente, o facto da rocha base aflorar à superfície em algumas áreas.

Pelo contrário, a estratigrafia da área sul do Largo do Município é semelhante à que foi registada no tramo inicial da Avenida dos Cavaleiros da Ordem de Santiago. Neste local foi identificado um troço de muro com cerca de 90cm de largura, construído com alvenaria de pedra calcária não aparelhada, ligada com argamassa de cal e areia. Associado ao muro encontrava-se ainda um pavimento construído com argamassa de cal e areia. Alguns dos fragmentos cerâmicos recolhidos neste contexto parecem apontar para uma cronologia do século XVIII.



Muro e pavimento identificados no Largo do Município.

Ana Cristina Ramos
Eduardo Porfírio

Arqueólogos, Palimpsesto Lda.

Os autores não seguem as normas do novo Acordo Ortográfico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, A. R. (2005-2007), Intervenção Arqueológica no Mercado Velho: Novos Contributos para o conhecimento do quotidiano em Palmela, no final da Idade Média. *Revista Musa*, 2, pp. 74-82

CARVALHO, A. R. (2005), Intervenção Arqueológica no Mercado Velho: primeiros resultados. *Adenda electrónica da revista al-Madan*, série II, n.º 13

FERNANDES, I. C. F. (2004) – *O Castelo de Palmela. Do islâmico ao cristão*. Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela.

FERNANDES, I. C. F.; CARVALHO, A. R. (1997b) – Abordagem Arqueológica da Palmela Medieval Cristã. *Arqueologia Medieval* n.º 5, Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 221-241

Parque Venâncio Ribeiro da Costa - o acompanhamento arqueológico

No âmbito da empreitada de «Requalificação do Parque Venâncio Ribeiro da Costa e da Entrada Norte do Castelo», área inserida na ZEP (Zona de Protecção Especial) conjunta do Castelo, Igreja de Santiago e Pelourinho, efectuou-se o acompanhamento arqueológico da obra, entre os meses de Junho e Novembro de 2012, a cargo da empresa ARQUEOHOJE, Lda.

Os trabalhos de arqueologia incidiram sobre todas as tarefas que implicassem intervenção no solo: acompanhamento da abertura dos diversos tipos de valas, remoção de caminhos, montagem de mobiliário urbano e desportivo, nivelamento de terrenos e plantação de árvores, entre outros, e ainda a limpeza e regularização do piso no interior do revelim. Para além dos trabalhos de campo, procedeu-se ainda ao tratamento, inventariação e estudo dos artefactos recolhidos.



Trabalhos de construção do novo anfiteatro.



Aspecto dos trabalhos no interior do revelim.

O Parque Venâncio Ribeiro da Costa, ou Esplanada do Castelo, localiza-se na vertente Norte do cerro do Castelo de Palmela, e é delimitado a Este e a Norte pela vila, a Oeste por uma encosta escarpada e a Sul pela cintura de muralhas abaluartadas da fortificação.

A área designada como «Entrada Norte do Castelo» compreende a estrada de acesso ao monumento e o revelim, localizado em frente à porta do Castelo.

Trata-se de uma vasta área ajardinada, atravessada por um caminho principal que comunica directamente com as ruas da vila. No seu interior vários caminhos e trilhos pedonais acedem a diversos espaços de lazer, distribuídos por quase toda a área do Parque. Destaca-se ainda a presença de um grande anfiteatro, o qual aproveita o desnível existente entre o baluarte e o revelim; um parque infantil e uma área polivalente. No extremo noroeste é visível um moinho de vento, actualmente recuperado, reminiscência das duas estruturas de moagem que existiam nesta área.

Pela sua localização o Parque apresenta-se como a extensão natural da vila medieval e do castelo / praça militar. A designação comum de «Esplanada» remete para o período (século XVII a XIX) em que a área do Parque – terreno baldio e sem árvores – constituía a esplanada militar, ou seja um espaço amplo e aberto que facilitava a defesa da fortaleza.



Aspecto da encosta do Castelo antes da construção do Parque (SIPAlmage FOTO.00515305).

Sendo uma zona de ligação entre a vila e o castelo não será de surpreender que o acompanhamento arqueológico, agora efectuado, tenha permitido a recolha de alguns materiais, maioritariamente cerâmicas, que testemunham a intensa presença humana em Palmela ao longo dos tempos. Entre os diversos vestígios recolhidos destaca-se a presença de fragmentos de cerâmica manual, testemunhos de ocupação antiga (Idade do Cobre ou do Bronze) no cerro do castelo.

Outros artefactos traduzem o quotidiano da população da Palmela Medieval e Moderna, já identificada em diversas escavações arqueológicas efectuadas na vila e no castelo. Apesar de não terem

sido identificados, durante os presentes trabalhos, vestígios seguros de estruturas habitacionais ou de armazenamento, a área do Parque, sobretudo a que se encontra mais perto do núcleo urbano e defensivo, poderá ter funcionado como lixeira. Entre as peças recolhidas, refira-se a presença de fragmentos de utensílios como panelas, caçoilas, frigideiras, testos, púcaros, cântaros e talhas, alguns dos quais decorados com pintura.



Fragmentos de panelas - época medieval.

A importância e riqueza de Palmela durante os séculos XV-XVI confirmam-se com a presença de cerâmica de importação, proveniente do Sul de Espanha e Itália. A indispensável ligação à Ordem de Santiago encontra-se atestada em fragmentos que apresentam o símbolo da Ordem, ou na louça conventual (já do século XVII - XVIII), fabricada expressamente para os frades do convento de Palmela.



Cerâmica de importação – fragmento de fundo - majólica italiana.

Embora a maioria destes materiais sejam o resultado das naturais escorrências provenientes do topo do cerro, outros poderão estar relacionados com a ocupação efectiva deste espaço. Alguns talhes na rocha, agora identificados, poderão ser indícios de fossas, lixeiras ou mesmo estruturas antigas associadas aos moinhos ou aos lagares. Embora a maioria das peças recolhidas se encontrem muito fragmentadas, algumas permitem a reconstituição total da forma. Foi ainda possível recolher alguns artefactos inteiros, como

um pequeno cossoiro (utilizado na fiação), ou um interessante conjunto de peças de jogo, em cerâmica, no qual se assinala um raro exemplar decorado.



Cossoiro (elemento de fiação).

Em resumo, o acompanhamento arqueológico dos diferentes tipos de trabalhos executados durante a obra de «Requalificação do Parque Venâncio Ribeiro da Costa e da Entrada Norte do Castelo» permitiram a identificação e recolha de um conjunto de materiais, sobretudo cerâmicas, que confirmam a antiguidade e importância da vila de Palmela. Foram também identificadas algumas estruturas que poderão estar relacionadas com os moinhos e o lagar, tendo estas sido alvo de sondagens arqueológicas. Refira-se ainda a presença de bases de coluna, cuja origem se desconhece, mas estarão certamente relacionadas com a existência de um edifício de grandes dimensões.

Apesar da continuidade de ocupação já se encontrar atestada pelos vestígios recolhidos em escavações arqueológicas efectuadas no castelo e nas ruas da vila, a presença de materiais na área do Parque vem levantar novas questões acerca dos limites efectivos da Palmela Medieval e Moderna, e do processo de evolução da vila e do castelo, desde tempos Pré-Históricos.



Base de coluna, reutilizada como suporte de mesa.

Isabel Inácio (Arqueóloga. Arqueohoje, Lda.)
A autora não segue as normas do novo Acordo Ortográfico.

Importa saber...

Espaço Cidadão

O Espaço Cidadão, inaugurado a 8 de dezembro de 2015, revelou, durante as intervenções realizadas entre 2011 e 2015, um conjunto de estruturas de significativo valor histórico e arqueológico. Situado no Largo do Mercado, em pleno Centro Histórico de Palmela, é hoje sede da Junta de Freguesia, mas é igualmente um espaço de exposição privilegiado. A instalação de painéis *in situ* permite a leitura da sua ocupação, assim como expõe um conjunto de informações relevantes para o conhecimento da evolução histórica e urbana da vila de Palmela. Uma das salas é ainda ocupada por pequenas exposições temporárias. A primeira, patente até setembro deste ano, revela-nos o ofício de Relojoeiro. «Contar o tempo», parece-nos ser um bom mote para uma visita.

Apareça.

Horário

2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª feira: 8h30-17h30; 4.ª feira: 8h30-18h30 (horário de funcionamento da Junta de Freguesia de Palmela)

Entrada gratuita



Contar o tempo

A percepção do tempo foi sendo alterada ao longo da História. O Homem começou por descobrir, ao observar o céu, fenómenos naturais regulares tais como as fases da Lua, a localização das estrelas e a sequência das estações do ano, que lhe permitiram atribuir uma coerência ao espaço e ao tempo, essenciais para a planificação e organização do quotidiano.

A clepsidra, a ampulheta e o relógio de sol foram alguns dos primeiros instrumentos criados para medir a passagem do tempo. O toque do sino da igreja pautou também, por séculos, o tempo religioso e a vida nos campos.

Os relógios mecânicos surgiram no século XIII, e os primeiros relógios portáteis - inicialmente de bolso -, passaram a ser utilizados no ano de 1500. No século XVI, o astrofísico Galileu Galilei deu um contributo decisivo para a precisão desta contagem com a descoberta das oscilações pendulares, mais tarde materializadas pelo holandês Christiaan Huygens.

Após a Revolução Industrial, o tempo do relógio impôs-se: «tempo é dinheiro» passou a ser um lema. O tempo controla a vida pública e a vida privada.

Hoje, o relógio atómico, de estrôncio, é dotado de uma precisão extraordinária, estimando-se que não sofra variações durante 15 000 milhões de anos.

E esta foi uma forma veloz de contar o tempo que, em parcelas, ritma a vida humana.



Pequeno do mecanismo do relógio instalado na torre-sineta da Igreja de Santiago. Fabricado em Liège, Bélgica. Século XVIII



Altino Bernardes, Sr. Relojoeiro. Novembro de 2015

A Relojaria do Sr. Altino

Um dos ofícios tradicionais do Centro Histórico de Palmela foi o de Relojoeiro.

Altino Marques Bernardes veio morar para Palmela, em maio de 1964. Primeiro, estabeleceu-se com uma pequena mercearia e loja de roupa. Paralelamente, desempenhava a função de motorista na empresa Setubalense: «O primeiro serviço a ser feito na vila de Palmela, fui eu que comecei a fazer.» (Altino Bernardes, 71 anos, 2009)

Mas foi com a relojoaria que se ocupou por mais de quatro décadas. Qualquer pessoa que passasse na porta número 88 da rua Hermenegildo Capelo, não ficava indiferente à forma como os inúmeros relógios ocupavam, desde 1976, paredes e vitrinas.

«Tinha na altura 18 anos, 19, quando comecei a aprender o curso. E agora vou continuando aqui até as mãos me deixarem. Porque este trabalho, o problema que tem é as mãos. Logo que esteja a começar a ter desequilíbrio, não vale a pena começar. Porque há serviço, por exemplo, que eu já não faço. Para desempenhar, por exemplo, um cabelo, eu já não faço. Já não consigo fazer porque requer muita, muita perícia. Requer muito cuidado e não se pode oscilar para lado nenhum. Se oscilar, acabou-se.» (Altino Bernardes, 71 anos, 2009)

Durante décadas, foi aqui que o maquinismo dos relógios dos habitantes da vila, e arredores, foram mantidos em funcionamento, através de uma arte que exige conhecimentos complexos e instrumentos de trabalho específicos.

A oficina encerrou as portas em 2014. Não obstante, Altino continua diariamente a consertar os velhos relógios que possui, como se desse exercício dependesse a sua existência. É parte de si.

O Museu Municipal persiste em contar a sua história e não deixará que o Tempo apague a Memória deste lugar e desta arte.



Cartão de Identidade do Instituto Brasileiro de Relojaria de 30 de março de 1966

Fecha-se uma porta, abre-se uma janela

Espaço Cidadão – evolução histórica do edificado

As intervenções arqueológicas realizadas no **Espaço Cidadão**, entre 2011 e 2015, reuniram um conjunto de documentos arqueológicos de grande relevância para o conhecimento da evolução histórico-arquitetónica e urbana da vila de Palmela, Medieval e Moderna.

A expressão popular «Fecha-se uma porta, abre-se uma janela» é demonstrativa das dinâmicas e sequências construtivas, que registámos guardadas nas paredes desta casa.



Óculo (pequena janela oval aberta na fachada principal), com contorno em tijolo artesanal. Testemunho arquitetónico do século XVIII.



Medalhão gravado na parede do sótão com data de 29 de maio de 1867. A data é ladeada por duas cruces. Vestígio das últimas reformulações desta casa, em finais do século XIX.



Porta de arco quebrado. Acesso primitivo do edifício dos séculos XV/XVI, que preserva as suas componentes originais: a soleira, ombreira e arco em tijolo artesanal, ambos biselados.



4 - Arco quebrado em tijolo
5 - Tranca da porta
3 - Ombreira biselada
2 - Gorzo da porta
1 - Soleira



Detalhe dos Arcos da sala I. Técnicas e soluções construtivas aplicadas durante 500 anos. De esquerda para a direita: Arco escavado na rocha com motivo cruziforme gravado (séculos XIV-XV), sobreposto por arco Quinhentista, composto por blocos de pedra, abaixo do qual é construído um novo arco em tijolo artesanal, para rebaixar o piso do 1.º andar da casa (momento pós-terramoto de 1755).



Arquitetura Quinhentista (século XVI). Janela chanfrada, com lintel em tijolo.



Janela moldurada (época Moderna), afetada por reformulações arquitetónicas contemporâneas.



Janela moldurada. Remate do óculo ornamentado.

Durante quase **700 anos**, estes vestígios patrimoniais tão distintos e originais permaneceram ocultos até que, em 2015, a Arqueologia recuperou a memória de várias portas, janelas e chaminés..., que foram rasgadas, reaproveitadas e esquecidas, com o passar do tempo.

Hoje, esta **herança cultural** testemunha das diferentes comunidades que aqui habitaram, reencontrou o seu lugar na paisagem urbana do Centro Histórico de Palmela.